

IDENTIDADE CULTURAL E FRAGMENTAÇÃO DO SUJEITO EM A MÁQUINA DE SER, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Douglas dos Santos Silva¹
Algemira de Macedo Mendes²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender como a identidade cultural fragmenta o sujeito na pós-modernidade a partir do conto O convívio, da obra *A máquina de ser*, de João Gilberto Noll (2006). No conto em discussão, o narrador apresenta a sua maneira excepcional de discutir as virtudes e dramas existenciais a que estamos subjugados, mas também àqueles que investigam uma literatura favorável com a finalidade de sensibilizar padrões e juízos de valores solidificados, como também de ampliar uma visão mais profunda do cotidiano das pessoas no século XXI. Tem como temática a análise de uma protagonista e narradora que se esforça para preparar o seu chamado 'pupilo' para a convivência em sociedade. Também não se pode declarar muitas informações sobre os personagens, uma vez que é uma característica marcante na narrativa de Noll. Para tanto, usaremos como aporte teórico as reflexões de Stuart Hall (2005), para quem no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural e dessa forma, essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial; Benedict Anderson (1983), que argumenta que as diferenças entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais são imaginadas; Bhabha (1998) que define a crítica pós-colonial como testemunha das forças desiguais e irregulares de representação cultural envolvidas na competição pela autoridade política e social dentro da ordem do mundo moderno. Incluiremos ainda, Derrida (2003) que trata da hospitalidade ao afirmar que não se pode oferecer hospitalidade ao que chega anônimo e outro qualquer que não possua nome identificador, família ou estatuto social. No mundo moderno, a identidade é algo complexo e de variadas mudanças sociais. Com esse trabalho, espera-se ilustrar de forma discursiva a problemática em torno das questões sobre identidade.

Palavras-chave: Literatura. Identidade. João Gilberto Noll.

1 professor@douglassantos@gmail.com

2 algemiramendes95@gmail.com

ABSTRACT

The objective of this work is to understand how cultural identity fragments the subject in postmodernity from the story *The conviviality*, of the work *The machine of being*, by João Gilberto Noll (2006). In the story, the narrator presents his exceptional way of discussing the virtues and existential dramas to which we are subjugated, but also those who investigate a favorable literature for the purpose of sensitizing patterns and judgments of solidified values, as well as of expanding a vision the daily life of people in the 21st century. Its theme is the analysis of a protagonist and narrator who strives to prepare her so-called 'pupil' for the coexistence in society. Nor can one declare too much information about the characters, since it is a striking feature in Noll's narrative. To that end, we will use as a theoretical contribution the reflections of Stuart Hall (2005), for whom in the modern world, the national cultures in which we are born constitute one of the main sources of cultural identity and thus, these identities are not literally printed in our genes. However, we do indeed think of them as part of our essential nature; Benedict Anderson (1983), who argues that differences between nations reside in the different ways in which they are imagined; Bhabha (1998), who defines postcolonial criticism as a witness to the unequal and irregular forces of cultural representation involved in the competition for political and social authority within the modern world order. We will also include Derrida (2003) hospitality can not be offered to those who arrive anonymously and any other who does not have a name, family or social status. In the modern world, identity is something complex and of varied social changes. With this work, it is hoped to illustrate in a discursive way the problematic around the questions about identity.

Keywords: Literature. Identity. João Gilberto Noll.

INTRODUÇÃO

O livro de contos *A máquina de ser*, de João Gilberto Noll, é um livro curto e que reúne 24 contos. É um convite à observação da solidão. Para isso, o autor concentra suas narrativas no campo onde o ser humano está condenado a ser sempre só – o do pensamento, insondável e impenetrável.

A disposição temática dos contos reunidos contempla uma diversidade de narradores e atmosferas cujo encadeamento confirma e, ao mesmo tempo, renova a habilidade que o autor tem de surpreender – e desestabilizar – seu leitor à medida que revela novas, profundas e inesgotáveis possibilidades de ser.

Dessa forma, esse artigo tem o objetivo de analisar a ideia de identidade cultural fragmentada e a hibridização cultural de uma sociedade. Partindo das definições do que é identidade cultural, esse artigo apresenta as discussões relacionadas à teoria de Stuart Hall no livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2005); o consumismo como produto cultural de um povo através do aporte teórico de Levi-Strauss (2006); a relação do corpo a corpo entre os viventes do mesmo grupo em *Agambém* (2009) e a expansão urbana como processo de hibridização cultural de uma sociedade a partir da visão de Canclini (2009).

Nesse sentido, os contos de *A máquina de ser* abordam a temática do indivíduo que vivendo numa sociedade pós-moderna enfrenta conflitos individuais. Esse ser como chama o autor do livro, procura sua identidade na relação com o outro apesar de que os narradores vivem sempre sozinhos, consequência, dessa modernidade que valoriza a rapidez nas relações humanas e que se deve fazer tudo ao mesmo tempo.

Considerando essas relações fragmentadas de convívio, Noll explora no livro, personagens como produtos de um consumismo decorrente da globalização e da cultura importada de outros países. Isso é perceptível na introdução da indústria alimentar do fastfood, dos refrigerantes e batatinhas na cultura ocidental. A alimentação derivada de outras regiões do mundo provoca mudanças comportamentais em diferentes sociedades. E uma mudança essencial se refere ao tempo, uma vez que a sociedade urbana necessita se alimentar de forma rápida e prática. Com isso, as relações sociais vão se esfacelando entre os seres envolvidos.

A máquina de ser é automatizada nas sociedades urbanas que é cada vez mais veloz onde todos são regradados pela pressa e compulsão. As pessoas não estão mais preocupadas com as relações afetivas. O que importa são os acontecimentos exteriores.

Por isso, em cada conto, os narradores não são os mesmos. É como se cada um tivesse uma máquina a ser desenvolvida nesse mundo globalizado. Não existe uma continuidade narrativa de um conto para o outro. As circunstâncias se transformam a cada narrativa. E os conflitos se caracterizam em cada história.

Esses embates são percebidos de forma simples. Os narradores estão em primeira pessoa e que observam a solidão de forma reflexiva relacionada, às vezes, à decepção individual das suas vivências cotidianas. Portanto, diante das temáticas estabelecidas, a identidade cultural é analisada sob a ótica da pós-modernidade cujo sujeito é fragmentado através de personagens que tentam se encontrar na imensidão de suas reflexões.

A IDENTIDADE FRAGMENTADA NO CONTO: O CONVÍVIO.

O texto trata da convivência de uma mãe com seu filho pequeno. O narrador está na primeira pessoa e não revela o nome nem da criança, muito menos da mulher. Texto com poucas descrições, muito tenso e com uma mulher tentando educar o filho para o convívio em sociedade. O texto não possui diálogos, uma vez que a criança ainda não domina a fala. A comunicação acontece através de choros e atitudes típicas de um ser em busca de uma identidade.

Segundo Stuart Hall, as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas. E que o próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido ou compreendido na ciência social contemporânea.

Ele parecia me escutar e suave, exibia todo seu esforço em captar minha voz. Pois ele não falava, ainda estava aprendendo a conviver. Aliás, aposto que ele próprio ainda não se entendia (NOLL, p. 37).

A narradora do conto utiliza a palavra “pupilo” para definir o filho quando os dois iam “nas festas de amigo oculto, nas antevésperas do natal, levávamos os pupilos. O meu naquele ano veio com uma espécie de camiseta da seleção” (NOLL, 2006, p. 38). A criança se comporta como um estrangeiro que não fala a língua, nem conhece a cultura local. Ela também não domina os códigos e muito menos não tem a ideia de cultura de maneira geral.

A personagem vive sozinha na difícil educação do filho para conviver em sociedade. Tem uma rotina cotidiana igual a qualquer máquina de ser. Leva-o para a escola (Reformatório), vai trabalhar e retorna para casa. Acrescenta que o menino está cada vez mais domesticável, apesar de que não aprendeu a rir.

Para Hall as sociedades modernas no final do século XX estão se fragmentando, uma vez que as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade têm se modificado. Há uma perda de um sentido de “si” e que muitas vezes esse indivíduo vai sofrendo um deslocamento tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo.

Nessa tarde, depois dos festejos, levei meu pupilo para passear no centro da cidade. Sem muita imaginação entramos em um McDonald’s, onde lhe paguei uma Coca, um hambúrguer e batatinhas fritas. Se ele quisesse, poderia lhe pagar também um sorvete. (NOLL, p. 38).

Nesse contexto, vemos outro aspecto da questão da identidade que Hall argumentava que é a chamada “globalização” e como esse impacto tem se tornado constante na identidade cultural das sociedades. Isso acontece pelas mudanças frequentes, velozes e duradouras que a modernidade traz para a convivência diária.

Isso é percebido através da crítica para o consumismo de qualquer comida. Essa é uma tendência bem presente nos países industrializados, uma vez que passou a adquirir novos hábitos,

idealizados pela indústria alimentar. Quando a mulher adota o hambúrguer e a Coca-cola como produto de seu consumo alimentar, ela está adquirindo uma identidade cultural pertencente a outros centros. Isso se deve, de certa maneira, ao modo moderno e globalizado, de se alimentar de forma prática e rápida.

A cultura determina o que é comível, isto é, a cultura educa e provoca o desejo de todo tipo de comida. Assim, os deleites são construídos conforme o que a cultura estipula como aceitável. E como se percebe no conto, o hambúrguer e a Coca-cola são símbolos dessa nova cultura.

O que se valoriza não é mais a confraternização, mas o controle do tempo. Compreende-se que a alimentação de diversas culturas vem se modificando aceleradamente nos países ocidentais. E o tempo é um dos grandes vilões do prazer. As comidas passaram a ser compradas quase de maneira pronta para o consumo rápido e ao que o contista enfatiza no título do livro que vivemos uma verdadeira máquina de ser.

Para Levi-Strauss (2006, p. 302), “a culinária de uma sociedade é uma linguagem na qual ela reduz inconscientemente sua estrutura, a menos que, também sem sabê-lo, limite-se a revelar nela suas contradições”. Por isso, a forma de se alimentar também determina a organização da identidade sócio-cultural de um povo. Assim, o convívio feito através das refeições em grupos familiares com hora determinada pela mãe ou avó foi sendo transformado em ocasiões especiais de aniversários, casamentos ou outras festas. E, portanto, o que se valoriza no mudo pós-moderno é a refeição rápida e de forma isolada para que não se perca tempo com conversas afetivas e duradouras.

Outro fato importante percebido no conto é que a criança não domina seu corpo e que a mesma precisa dos cuidados de um adulto que a eduque, a fim de que seja integrada paulatinamente à sociedade. Ao mesmo tempo, o narrador deixa explícito de maneira direta e linguagem realista a comparação desse ser com um animal incapaz de se expressar como humano ao referir-se aos sons que o menino emite.

Limpava-o entre as coxas, e logo mostrava o papel sujo perto do seu nariz e lhe perguntava. Gosta desse cheiro? Ele abanava a cabeça, mas eu não me dava por satisfeita. Aí eu botava o papel sujo no cesto, pegando-o sempre pela nuca, como se faz com o cachorro que, desavisado, comete suas necessidades, sei lá, em cima do sofá. Pega-se o sujeito pelo cangote e se faz com que ele cheire a porcaria que gerou fora dos arcanos do asseio (NOLL, 2006, p. 37-38).

Percebe-se que há um processo de zoomorfização que ocorre com esse ser em formação. Por não saber falar, ele perde a capacidade de se comunicar, respondendo sempre por grunhidos ou gestos com a cabeça e que o chamado pupilo é ainda um ser rudimentar, isto é, de que é indivíduo social em transformação. Dessa maneira, sua formação como pessoa depende da relação com o outro, com a educação, com a interação de um modo geral. Tanto que a falta desse indivíduo - procedimento de convívio e um dos mais importantes da humanidade – é algo que serve para indicar para a mãe que ele é incapaz de se relacionar socialmente e por isso, de interagir com os demais.

Para Giorgio Agambém (2009, p. 41), o sujeito é “o que resulta da relação, e por assim dizer, do corpo a corpo entre os viventes e os dispositivos”. A narradora se dispõe a ser um tipo de servidora dos padrões de civilização. O filho não aceita as condições semelhantes de um animal canino, visto que reage aos desígnios da progenitora. Mesmo que não interaja através da linguagem verbal, há uma resistência via manifestação corporal com o abanar da cabeça.

Agambém afirma que igual a uma máquina o ser quando entra em contato com outros seres produz sujeitos. E esse ser destacado no conto não é tão livre, logo, é produto relacionado a um poder, nesse caso, da mãe. Ele precisa da interação com a sociedade para se desenvolver dentro da cultura que está inserido. E tudo se inicia através do contato com o ser materno e ao longo dos anos vai se modificando de acordo com os aspectos culturais que vivencia nos grupos.

Para Wander Melo de Miranda (2010), a partir dos anos de 1980, houve uma inserção de linguagens variadas na literatura brasileira que trouxe novas formas de diálogos entre a cultura e as práticas sociais. E um dos escritores que se apropriou dessa técnica foi João Gilberto Noll que se utilizou de narrativas vivenciais através de diversos pensamentos internalizados nos personagens.

Apresentam-se polimorfos fragmentários, distantes do amplo painel social ou da grande obra retrato da nação. Preferem os pequenos temas, o detalhe aparentemente insignificante, os eventos miúdos do cotidiano, as falsificações propositais, a profusão de vozes díspares, como meio mais viável de escapar da uniformidade da voz única das verdades oficiais ou dos discursos utópicos de emancipação (MIRANDA, 2010, p. 112).

Para o teórico, a produção textual de Noll tem uma competência artística incomum, o enredo é econômico com um número pequeno de acontecimentos e personagens que vagueiam sem direção ou rumo. São seres dispersos dentro de situações corriqueiras do mundo pós-

moderno cuja prosa é simples e de traços torturantes que representam as variadas situações contemporâneas como a higiene física do filho que muitas vezes não são citadas na literatura nacional. Esses detalhes que outros escritores evitam a exposição, Noll faz questão de trazer a tona para a literatura. Não esconde os pormenores. Mostra-os de forma realista para a sociedade.

A HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL DO CONTO

A narrativa fala de um homem estrangeiro num país diferente do seu. Ele saiu da Embaixada para ir almoçar, sozinho, como era de seu costume. Já se habituara a esse ritual. Essa capital era a primeira vez que visitava e não dominava bem a língua local.

Percebeu que o local estava estrategicamente organizado para um tipo de conagraçamento de pessoas de uma mesma instituição. Pouco a pouco, enquanto almoçava, as pessoas foram se reunindo em torno dessa mesa. Notou que não traziam crianças para fazer traquinagens. Muitos conversavam alto e se divertiam no encontro. O narrador personagem, enquanto almoçava, fazia reflexões acerca da sua vida sobre o que é uma verdadeira máquina de ser: rápida, agitada e cheia de compromissos.

É o típico exemplo do narrador pós-moderno que conta os episódios a partir do olhar de fora sem preocupação com algum ensinamento filosófico. Apenas transmite os fatos de forma simples e cotidiana.

O narrador pós-moderno é o que transmite uma ‘sabedoria’ que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar ‘autenticidade’ a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade (SANTIAGO, 2002, p. 46).

Percebe-se pela narrativa do conto que os eventos eram rápidos sem grandes detalhes e que o narrador se deixava levar pelas ações da cidade. Ele continuava na sua caminhada solitária pela cidade. Via as vitrines com manequins, loja de artigos masculinos e caminhava pelas ruas como um peregrino sem seita a seguir em direção a Embaixada. E lá, colocaria a cabeça a trabalhar por uma causa útil, que naqueles tempos tinha a forma de sondagem em prol de um firme intercâmbio tecnológico entre os dois povos. Bastava acionar a máquina de ser que tinha no corpo. Assinar documentos que dessem motivações a alguns funcionários, encaminhar os

papéis para seus objetivos últimos até precisarem de uma nova assinatura e apontar outros documentos.

Para Canclini, a expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridização cultural. “Passamos de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas... Em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação” (CANCLINI, 2009, p. 285).

Trouxera mapas contendo as várias regiões do país. Seus usos e costumes, como se isso ainda pudesse vigorar. Segundo os folhetos, no ponto mais longínquo da capital, em meio à floresta, a crença da vida após a morte era como que abatida depois de o visitante ser tragado por céleres encontros. (NOLL, 2006, p. 121).

Para Canclini (2013), o que existe é a vivência da cultura híbrida no sentido de que “o mercado reorganiza o mundo público como palco do consumo e dramatização dos signos de status. As ruas tornam-se saturadas de carros, de pessoas apressadas para cumprir obrigações profissionais ou para desfrutar uma diversão programada, quase sempre conforme a renda econômica”.

Para o teórico, os meios massivos, a experiência do outro, os produtos sociais globalizados são tendências que contribuem para essa fragmentação do sujeito. Assim, são através das experiências comuns da vida urbana, os conflitos sociais, que vão estabelecendo as redes de comunicação e tornando, portanto, possível o aprendizado do sentido social e coletivo que acontece na cidade.

Quando o garçom depositava o prato típico sobre minha mesa, o meu celular tocou. Uma ligação do meu país. Na outra ponta da linha um amigo falava dos escândalos dos parlamentares. E a minha filha, perguntei, tens visto? Ele cutucou que eu tinha viajado há poucos dias, que ele ainda não tivera tempo de viajar ao litoral para visitar minha filha (NOLL, 2006, p. 120).

Quase toda a sociabilidade e a reflexão sobre os aumentos de preços, o que faz o governante e até sobre os acidentes do dia anterior em nossa própria cidade nos chegam pela mídia, esta se torna a constituinte dominante do sentido “público” da cidade, a que simula integrar um imaginário urbano desagregado.

E são esses meios massivos que contribuem para a fragmentação do sujeito, uma vez que informam sobre as experiências comuns da vida urbana – os conflitos sociais, a poluição, as ruas engarrafadas. Tudo isso estabelece as redes de comunicação e torna-se possível apreender o sentido social e coletivo do que acontece na cidade.

Para Eagleton (2011), as culturas são pluralizadas e afirma em seu discurso que

Todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas e não monolíticas. É preciso lembrar, também, que nenhuma cultura humana é mais heterogênea do que o capitalismo (EAGLETON, 2011, p. 28-29).

Para o teórico, a cultura é um processo de hibridização, uma vez que ela é diversa por estar enquadrada no pensamento pós-moderno. Não existe cultura homogênea. Segundo o pensador, uma cultura depende da outra ou ainda influencia outras. É o caso, por exemplo, da cultura de massa através da publicidade das grandes marcas como a Coca-cola e McDonalds que altera o comportamento alimentar de outras pessoas como no conto O convívio quando a mãe insere no cardápio do filho os produtos americanizados.

Isso está presente através da transculturação cuja cultura do país dominante atua na do outro dominado “através da transculturação grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir dos materiais a eles transmitidos pela cultura metropolitante dominante” (HALL, 2003, p. 31)

Portanto, o que se percebe é uma cultura que sofre influência de outra cultura dominante cujas mudanças são próprias do mundo pós-moderno quando as relações se apresentam fragmentadas e descontínuas caracterizando os impactos da globalização na formação identitária de cada indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos contos de Noll, a maior preocupação é com a linguagem. De alguma forma a narrativa não tem uma linearidade. Ele não parece interessado com o conteúdo, uma vez que as situações vão surgindo como de improviso sem perder, contudo, a ideia central dos textos: a máquina de ser. Nossa sociedade é cada vez mais preocupada com a velocidade. É preciso dizer tudo ao mesmo tempo.

Isso é percebido através da linguagem dos contos. Períodos longos. O que é ponto ele coloca vírgula. Tudo como representação da pressa, da compulsão de dizer tudo rapidamente. As pessoas dizendo coisas que não diriam no plano social ou na convivência social. Por isso, o que percebemos é o seu amor pela voz do sujeito. São diversos narradores, mas com uma alma semelhante: a solidão. Além disso, é um ser solitário, mas que tem a necessidade de se fundir no outro.

As circunstâncias mudam, o contexto muda. Pode ser estrangeiro, embaixador, mãe, escritor, errante ou vagabundo, entretanto, têm a tendência de contemplação e do conflito dele com o mundo. A alma desses personagens é sempre a mesma.

Assim, na obra *A máquina de ser* o sujeito é visto como um ser isolado, solitário, muitas vezes exilado dentro do seu próprio mundo. A identidade não se desenvolve espontaneamente a partir do interior de cada indivíduo, mas através do contato com os outros. Dessa maneira, a identidade é um processo de formação natural que se constrói ao longo do tempo. Ela está em constante formação desde a vida infantil até a vida adulta, uma vez que não é algo acabado. É preenchida por vivências exteriores, logo, as pessoas não nascem com as identidades internalizadas, no entanto, são transformadas no interior da sua representação.

Portanto, pretende-se com esse trabalho mostrar como as identidades fragmentadas são vistas nos contos de *A máquina de ser*. Para isso, foram abordados alguns teóricos acerca dessa temática fundamentando o reconhecimento da obra para a literatura nacional como um espaço para reflexões sobre os estudos culturais no Brasil.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BENJAMIM, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*/Néstor Garcia Canclini: tradução Heloísa Pezza Cintrão. Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução: Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. 2.ed. São Paulo: editora Unesp, 2011.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. A questão multicultural. In: HALL, S. *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. (p.50 – 100)

LÉVI-STRAUSS, C. *A origem dos modos à mesa: Mitológicas III*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MIRANDA, Wander Melo. *Nações literárias*. Cotia – São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

NOLL, João Gilberto. *A máquina de ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SANTIAGO, Silvano. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.